

ANÔNIMOS

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

THOMAS DEGLOMA

ANÔNIMOS
A PERFORMANCE
DE IDENTIDADES OCULTAS

Tradução

Giuliana Gramani



editora
unesp

Título original: *Anonymous: The Performance of Hidden Identities*
Licenciado por University of Chicago Press, Chicago, Illinois, U.S.A.
© 2023 by The University of Chicago. Todos os direitos reservados.

© 2025 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

D946r

DeGloma, Thomas

Anônimos: a performance de identidades ocultas / Thomas DeGloma;
traduzido por Giuliana Gramani. – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Tradução de: *Anonymous: The Performance of Hidden Identities*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-302-8

1. Ciências sociais. 2. Sociologia. 3. Ensaio. I. Gramani, Giuliana.
II. Título.

2025-4437

CDD 300

CDU 3

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

- 1 Atos anônimos 9
 - A dinâmica social dos atos anônimos 22
 - Nomes, ausência de nome e pseudônimos 22
 - Liberdade e restrição na violação da identidade pessoal 31
 - O exibicionista e o *voyeur*: anonimato e controle de informações 36
 - Agências impessoais: alguém, qualquer um, todos e ninguém 41
 - Cultura e significado na *performance* do anonimato 54
 - Estrutura do livro 60
- 2 Anonimato protetor 65
 - Autoria oculta e a *performance* de Elena Ferrante 76
 - Ética social do anonimato 83
 - Altruísmo e caridade anônimos 83
 - A confissão por trás da treliça e o baile de máscaras 87
 - A imparcialidade da impessoalidade e a *performance* da avaliação acadêmica 94
 - Comunidades e fóruns anônimos 103
 - Tratamentos anônimos e o caso dos Alcoólicos Anônimos 105
 - Fóruns anônimos mediados por computador 109

Consumo e troca anônimos	113
Explorando o anonimato protetor	118
Conclusão	121
3 Anonimato subversivo	123
Arte e literatura subversivas	131
Movimentos sociais mascarados e rebelião anônima	141
As raízes religiosas, teatrais e festivas do protesto social mascarado	142
Movimentos mascarados e suas ordens mundiais subversivas	149
As <i>performances</i> anônimas do terror da Ku Klux Klan	155
Desempenhando a insurgência digital de guerrilha: as redes de <i>hackers</i> do Anonymous	164
A Klan e o Anonymous: características compartilhadas do anonimato subversivo	176
Contrainteligência do FBI e a subversão do Anonymous de atividades subversivas	181
Conclusão	186
4 O anonimato de sistemas sociais	187
Instituições e sistemas como representações de fachada	196
Wall Street e a crise financeira	196
Pessoalidade corporativa e política eleitoral	202
A NSA, as grandes empresas de tecnologia e a vigilância eletrônica	204
Mortes à distância e a nação em guerra	209
O Estado moderno como executor “humanizado”	216
Trabalho anônimo e sistemas de produção	227
Conclusão	236
5 O anonimato de tipos e categorias	239
Tipificação e <i>performance</i> social	248
Outros anônimos em encontros situados	259
O anonimato de classe e profissão	259

Sexo anônimo	265
Tipificação racial, aplicação da lei e violência policial	271
Tipificação cisgênero e a segregação de banheiros públicos	283
Tipificações analíticas	289
Conclusão	293
6 As contradições sociais de nossas identidades ocultas	295
Atos de desmascaramento	300
Agradecimentos	311
Referências	315
Obras em português consultadas na tradução	361
Índice remissivo	365

1

ATOS ANÔNIMOS

Estou disfarçado esta noite para poder falar livremente, sem atrair muito o olhar de vocês para o quem em particular que por acaso sou [...]. Como psiquiatras homossexuais, precisamos saber nosso lugar e o que devemos fazer para sermos bem-sucedidos. Se nosso objetivo é obter um alto cargo acadêmico, ganharmos o mesmo que nossos colegas ou sermos admitidos em um instituto psicanalítico, precisamos garantir que ninguém em uma posição de poder esteja ciente de nossa preferência sexual e/ou identidade de gênero. Assim como o homem negro de pele clara, que escolhe viver como um homem branco, não podemos ser vistos com nossos amigos de verdade, nossa família homossexual de verdade, para que nosso segredo não seja revelado e nossos destinos não sejam selados.

“Dr. H. Anônimo” na 125ª Reunião Anual
da Associação Psiquiátrica Americana,
2 de maio de 1972¹

1 Ver Fryer (1972).

Em sua reunião anual em maio de 1972, a Associação Americana de Psiquiatria (APA – American Psychiatric Association) sediou um painel intitulado “Psiquiatria: amiga ou inimiga dos homossexuais? Um diálogo”. A APA patrocinou o evento em resposta a uma campanha organizada por ativistas de direitos gays para pressionar a associação de profissionais a deixar de classificar a homossexualidade como um transtorno mental. A entidade é a responsável pelo *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), obra de referência de diagnósticos oficial da psiquiatria e das disciplinas psicoterapêuticas profissionais. Segundo as acusações dos ativistas, ao listar a homossexualidade entre os transtornos mentais do DSM e perpetuar a noção prejudicial de que a homossexualidade é uma doença que precisa ser curada, a APA foi responsável por fomentar a discriminação contra homossexuais em diversos contextos. Os psiquiatras, alegaram os ativistas, eram, portanto, cúmplices da perseguição social de homossexuais e, por sua vez, responsáveis pelo sofrimento pessoal de muitos.²

O painel de 1972 incluiu os ativistas de direitos gays Barbara Gittings – conhecida por criar a filial de Nova York do Filhas de Bilitis, grupo pioneiro de direitos gays e lésbicos – e Franklin E. Kameny, outra figura proeminente nos Estados Unidos, conhecido por lutar contra a discriminação após ser demitido de seu cargo no governo norte-americano em 1957 por conta de sua orientação sexual. O painel também incluiu os consagrados psiquiatras Judd Marmor e Robert Seidenberg. No entanto, um quinto participante, citado na epígrafe deste capítulo e sentado no centro da mesa, foi identificado apenas como “Dr. H. Anônimo”. Ele apareceu mascarado, usando uma peruca e fantasiado com sua voz disfarçada (Figura 1).

Diferentemente dos outros painelistas, o dr. H. Anônimo era o único palestrante homossexual e psiquiatra. Esses atributos de identidade combinados, e não isolados, consistiam em uma ameaça singular naquele momento e lugar específicos. Foi apenas em 1994

2 Bayer (1981). Ver p.109-11 para uma discussão sobre o painel de 1972.



Figura 1. Dr. H. Anônimo (que mais tarde revelou ser o dr. John Ercel Fryer) com Barbara Gittings e Franklin E. Kameny na reunião de maio de 1972 da Associação Americana de Psiquiatria. Foto de Kay Tobin. © Manuscripts and Archives Division, The New York Public Library

que o dr. John Ercel Fryer revelou publicamente que era a pessoa por trás da máscara. Fryer era um psiquiatra em atividade e professor de Psiquiatria na Universidade Temple quando participou do painel de 1972.³ Além de a homossexualidade ser motivo para demissão do emprego (ou, no caso de Fryer, para lhe negarem a estabilidade no cargo) e outras formas de discriminação, Fryer era um membro permanente da mesma profissão que considerava sua orientação sexual patológica. O anonimato de Fryer nesse painel teve a finalidade protetora de manter sua identidade sexual desatrelada de sua identidade profissional de modo que, como sua referência a raça ajuda a esclarecer, ele pudesse passar por um homem

3 Clendinen (2003).

hétéro com segurança e convicção entre a maioria de seus pares e colegas profissionais.⁴ Ao ocultar seu rosto e corpo com uma máscara e uma fantasia, disfarçar sua voz com distorção de microfone e usar um pseudônimo, Fryer pôde falar publicamente como um psiquiatra gay, em nome de “psiquiatras que são homossexuais”, em um ato que subverteu abertamente a posição oficial da APA na esperança de gerar mudanças.⁵ No processo, ele transmitiu, de forma dramática, uma mensagem importante e significativa para um público específico que mais tarde se expandiu e passou a incluir a população em geral quando as notícias do evento, juntamente com uma foto do palestrante mascarado, se espalharam. Ao aparecer e falar anonimamente, Fryer evidenciou as condições opressoras vivenciadas por psiquiatras gays e, por extensão, homens e mulheres gays de forma mais geral.

Embora a apresentação de Fryer como dr. H. Anônimo tenha sido um passo importante no processo que levou a APA a deixar de classificar a homossexualidade como um transtorno mental na reunião do conselho da entidade em 15 de dezembro de 1973,⁶ ela também chama nossa atenção para algumas das características mais gerais e fundamentais do anonimato. Como Fryer escondeu o “quem em particular” que ele “por acaso [era]”, separou suas ações mascaradas de sua identidade pessoal, negando a relevância desta última para seu testemunho crucial e ponto de vista social. *Identidade pessoal* se refere àquilo que reconhecemos como o ser único de um indivíduo em relação aos outros. Ela está “frequentemente [...] vinculada tanto ao nome quanto ao corpo” e se manifesta como nossa imagem mental de um indivíduo e a posição singular dessa

4 A prática de “encobrimento” (ver Goffman, 2004, p.64-80), que implica ocultar parte de suas características pessoais para ser aceito como membro de outro grupo, “pode dar lugar a diferentes formas de vida dupla” (2004, p.67).

5 Ver Bayer (1981, p.110), que escreve: “Seu traje não só parecia proteger sua própria identidade, mas talvez, de maneira mais importante, tenha sido projetado para enfatizar que ele falava não só por si mesmo, mas por todos os psiquiatras homossexuais. Ele informou ao seu público que havia mais de duzentos psiquiatras homossexuais presentes na convenção”.

6 Lyons (1973). Ver também Bayer (1981).

pessoa em uma rede de relações sociais.⁷ Na maioria das situações, exibimos abertamente ou revelamos rotineiramente nossa identidade pessoal. Oferecemos um nome pessoal e não temos intenção de esconder a ligação entre nossa identidade pessoal e nossos vários papéis e atividades sociais. Em algumas ocasiões, podemos usar um crachá, apresentar um documento de identificação (como uma carteira de trabalho ou de estudante ou uma carteira de motorista emitida pelo Estado) ou usar um perfil personalizado de redes sociais para nos comunicarmos com outras pessoas. A identificação pessoal é uma parte normal de muitas interações e relacionamentos cotidianos, e geralmente os detalhes básicos de nossa identidade pessoal são esperados e explicitamente pedidos pelas pessoas quando as conhecemos ou interagimos com elas pela primeira vez. Em diversas circunstâncias, é possível que nos peçam que digamos nosso nome “para constar”, forneçamos o número de um documento, assinemos algo perante uma testemunha ou mostremos o passaporte. Também estabelecemos a identidade pessoal por meio de outros documentos oficiais (como certidões de nascimento), impressões digitais, caligrafia, reconhecimento de voz, reconhecimento facial (por meio de comparação visual com um documento de identificação com foto ou usando tecnologias digitais que acionam bancos de dados de vigilância e *software* de marcação de imagens de redes sociais), escaneamentos de retina, *chips* de identificação por radiofrequência (RFID – radio-frequency identification), sequenciamento de DNA, cartões de crédito, placas de veículos, informações de *login* e registros médicos e odontológicos.⁸

7 Goffman (2004, p.51). Ver também Zerubavel (1982). Sobre a posição singular de alguém na interseção de múltiplas redes de afiliações sociais, ver Simmel ([1955] 1964). Como afirmou Mauss ([1938] 1985), a ideia da “pessoa” como a conhecemos tem raízes romanas clássicas e evoluiu ao longo de várias épocas históricas.

8 Goffman (1963, p.56, 57); ver também a menção de Goffman ao “documento de identidade” (2004, p.54). Ver também Marx (1999, p.100) sobre “sete tipos de conhecimento de identidade” e Marx (2016, p.86-11) sobre as variedades de informações pessoais, incluindo privadas e públicas, e sobre a “identidade singular e central” (p.102-3).

Muitos dos dados por trás desses marcadores de identidade pessoal são cada vez mais armazenados em formato digital. Usamos essas tecnologias para estabelecer identidades pessoais singulares que nos distingam uns dos outros – para marcar, rastrear e verificar seres individuais distintos no mundo.

Atores anônimos ocultam sua identidade pessoal, o que chama nossa atenção para todas as maneiras como as pessoas podem evitar associações com dados de identificação enquanto agem em diferentes situações. Por exemplo, alguns usam dinheiro em espécie em vez de cartão de crédito para fazer compras, celulares “descartáveis” em vez de telefones registrados para fazer ligações ou enviar mensagens ou *software* de anonimato e sistemas de criptografia digital para interagir online.⁹ Outros publicam textos ou produzem arte sem usar seu nome pessoal, usam máscaras e roupas indistintas em protestos políticos para esconder suas características físicas ou agem por trás de uma entidade corporativa ou algum representante para participar de uma transação financeira. Em todos esses casos e em muitos outros, os atores dissociam e desconectam certas ações das identidades pessoais que carregam em outros aspectos de suas vidas. Como afirma Kathleen A. Wallace, um aspecto fundamental do anonimato envolve uma “impossibilidade de coordenação de características” ou “a falta de coordenação entre a agência [de um indivíduo anônimo]” – sua atividade *como anônimo* – e as “outras características e localizações socialmente reconhecíveis [desse indivíduo] em redes sociais de ação”.¹⁰ Da mesma forma, Julie Ponesse aponta que a “não identificabilidade” no cerne do anonimato “se

9 Ver Brazier et al. (2004) para uma discussão sobre “agentes de *software*” e “tecnologia de anonimização” (p.143). Ver p.140-1 sobre as “medidas técnicas” empregadas com o propósito de proteger informações pessoais em transações e comunicações online. Ver também Linder e Xiao (2020).

10 Wallace (1999, p.23, 25). Ver também Nissenbaum (1999, p.142). Goffman (2004, p.57) foi talvez o primeiro a articular diretamente essa lógica social de “conexão informacional” e identidade pessoal. Ver também Marx (2016, p.103) sobre a desvinculação de identificadores singulares da “identidade central” de alguém e Moore (2018) sobre as noções de “conexidade” e “rastreadibilidade”.

dá pela dissociabilidade”, que envolve separar certas informações das “pessoas específicas que as ocupam”.¹¹ Assim, o anonimato é possível na medida em que os atores podem romper com sucesso o elo entre determinadas ações e sua identidade pessoal.

Neste livro, analiso uma ampla gama de casos históricos e contemporâneos para desenvolver uma sociologia cultural e interacionista do anonimato. Em geral, meus argumentos sobre o anonimato (literalmente, “sem nome”) também se aplicam ao pseudonimato (literalmente, “nome falso”). Embora eu discuta distinções importantes entre eles, e embora eu aborde especificamente o pseudonimato em relação a casos específicos ou para destacar suas características únicas, meu objetivo maior é apresentar uma estrutura geral que nos permita entender melhor *como e por que indivíduos agem com identidades pessoais ocultas*. Em termos gerais, sou motivado pelas seguintes perguntas: como devemos entender o anonimato e o pseudonimato? Por que, sob diversas circunstâncias, os indivíduos agem anonimamente ou pseudonimamente? Como eles alcançam esses estados? Como eles os utilizam e em quais situações? Quando faz sentido dizer que um indivíduo é anônimo em vez de simplesmente desconhecido, da mesma forma que tantos estranhos nos são desconhecidos e irrelevantes para nossas vidas? Quais são as implicações da atividade anônima para diferentes relacionamentos e para a sociedade em geral, para o bem ou para o mal? Para abordar essas perguntas, examino uma vasta gama de casos em cada capítulo. No processo, espero mostrar o quão preponderante e significativo é o anonimato no mundo, e como uma sociologia de *atos anônimos* pode proporcionar percepções cruciais no que concerne a inúmeras questões importantes.¹²

11 Ponesse (2013, p.333, 331). Ver também Ponesse (2014); Karp (1973, p.447).

12 Marx (1999) apresenta um apelo esclarecedor e precoce a uma ampla sociologia do anonimato. Nesse texto breve porém persuasivo e amplamente aplicável, Marx lista um grande número de “contextos socialmente sancionados de ocultação e revelação” (p.102-9), que incluem referências a muitos dos tipos de casos que exploro ao longo deste livro. O artigo de Marx é uma declaração visionária sobre a importância desse tópico pouco explorado na Sociologia. Ver

Meu argumento central é que o anonimato e o pseudonimato são mais bem compreendidos como *performance* em que os atores ocultam identidades pessoais à medida que geram significado para vários públicos.¹³ Quando pensamos em anonimato, frequentemente

também Wallace (1999) e Ponesse (2013, 2014) para discussões filosóficas esclarecedoras. Tanto Wallace quanto Ponesse levantam vários exemplos gerais dos tipos que também exploro aqui, incluindo muitos relacionados à minha discussão sobre anonimato protetor no Capítulo 2 (ver especialmente Ponesse 2013, p.321; 2014, p.306-9). Muitos outros também contribuíram para esse campo de investigação com suas análises de casos particulares. Parto dessas e de outras contribuições importantes para ampliar o debate ao longo desta obra.

- 13 Outros estudiosos, de diferentes maneiras, conceituaram o anonimato como *performance* social. Em seu estudo sobre como indivíduos se escondem em livrarias pornográficas, Karp (1973) propôs uma perspectiva alinhada à minha abordagem, lançando luzes sobre processos ativos de “fomento ao anonimato” (p.433) e afirmando que “as pessoas devem trabalhar para manter o anonimato, e que o trabalho é de natureza altamente social” (p.446). Em seu estudo mais recente, Scott e Orlikowski (2014) discutem a “encenação do anonimato” (p.885) e focam no anonimato como “uma representação sociomaterial contínua” no que diz respeito a diferentes tipos de avaliações de hotéis, cada uma das quais, de acordo com as autoras, implica “resultados performativos específicos” (p.882). Em outro estudo esclarecedor, Curlew (2019) analisa o anonimato em uma plataforma de rede social como “performatividade indisciplinada” e postagens anônimas como “atos digitais performativos mediados por uma comunidade de usuários anônimos” (p.1). Ver também Wallace (1999) para uma discussão inicial sobre ser “anônimo enquanto agente” (p.26) e o anonimato como “algum traço que é conhecido” como “uma ação de algum(ns) agente(s)” e que “não pode ser coordenado com outros traços do(s) agente(s), de modo que a identidade do(s) agente(s) é desconhecida para outros exceto como executor(es) do ato ou possuidor(es) do traço” (p.31). Marx (1999, p.100) também reconheceu que “o anonimato é essencialmente social” e “requer um público de pelo menos uma pessoa”. Ver também Brennan e Pettit (2008), que distinguem entre executor e público em sua discussão convincente sobre anonimato e pseudonimato com relação à reputação e estima. Ponesse usa a frase “atos de anonimato” (2013, p.328) e reconhece que “o anonimato é tipicamente interpessoal” (2013, p.333; ver também 2014, p.314-5) enquanto luta com a questão de “como [...] a incognoscibilidade envolvida com o anonimato [é] realizada por padrão” (2013, p.322). Por fim, vários daqueles que discutiram literatura anônima e pseudônima, nas palavras que Mullan (2007, p.28) usou para descrever o trabalho de Sir Walter Scott, entenderam o anonimato como um “ato de autodespojamento criativo”.

pensamos em alguém que está se escondendo e nos impedindo de saber exatamente quem essa pessoa é. De fato, isso faz parte do cenário, mas o anonimato não consiste simplesmente em se esconder.¹⁴ Ele também não envolve invisibilidade, como alguns estudiosos sugerem quando se referem à parábola de Platão do Anel de Gíges (um anel hipotético que permite a quem o usa ser invisível) para discutir as implicações morais do comportamento anônimo.¹⁵ Na verdade, o anonimato envolve alguém que está *agindo* de forma muito evidente enquanto intencionalmente impede que os outros reconheçam a identidade pessoal de maneiras notavelmente significativas. Enquanto John Erceel Fryer escondia sua identidade pessoal, ele também atuava para um público, apresentando-se de forma genérica e misteriosa para transmitir uma mensagem. Ele foi notável e *ativamente* anônimo em vez de *passivamente* desconhecido, envolto em sua apresentação de caráter e *performance* de propósito. Na verdade, para ser relevante ou significativo, o anonimato deve passar à ação – ser avivado em situações ou circunstâncias sociais que envolvam relações dinâmicas ou interações com outras pessoas. À medida que os atores propelem o anonimato à ação, eles usam suas várias exposições físicas ou estilísticas, pseudônimos ou avatares, textos e vocalizações, além de outros modos de expressão, para moldar os significados de suas situações e interações para propósitos variados. O anonimato é uma questão de realização dramática.

Por um lado, estou interessado em como a *performance* de anonimato influencia a construção interativa de significado como contingente e emergente em situações específicas. Essas preocupações são tradicionalmente associadas ao pragmatismo filosófico e à perspectiva sociológica do interacionismo simbólico. Atividades anônimas geralmente ocorrem em tempos e lugares específicos e, de maneira mais significativa, manifestam-se em relação a públicos específicos.¹⁶ Assim, os significados do anonimato emergem por meio da

14 Ver também Ponesse (2013, p.329; 2014, p.314-5); Wallace (1999).

15 Platão ([cerca de 380 a.C.] 1956, p.157-8).

16 Ver também Wallace (1999, p.24).

interação dinâmica entre atores anônimos e as pessoas com quem eles interagem. Ademais, embora os atores possam ser anônimos para os públicos para os quais atuam, outros podem saber exatamente quem eles são (como alguns membros da “GayPA”, rede informal de psiquiatras homossexuais dentro da APA, sabiam o tempo todo quem estava por trás da figura do dr. H. Anônimo). Em outras palavras, atores anônimos exercem diferentes graus de controle das informações em relação a diferentes públicos, e membros de diferentes públicos têm diferentes tipos de conhecimento sobre a identidade daqueles que atuam anonimamente.¹⁷ Independentemente das medidas materiais ou tecnológicas empregadas para agir anonimamente, e independentemente da ética social ou das leis em vigor para proteger as pessoas de serem pessoalmente identificadas por outros, o anonimato se desfaz quando as *performances* fracassam e os responsáveis por elas não podem mais controlar as informações de modo a proteger as identidades pessoais.

A partir dessa perspectiva, o anonimato é sempre contextual, situacional, relacional e temporalmente limitado, embora esses limites se manifestem de forma distinta caso a caso, dependendo das circunstâncias em questão.¹⁸ Aqueles que agem ou escrevem como se o anonimato pudesse ser absoluto ou infalível, junto com aqueles que proclamam que o anonimato é um “mito” e não (ou não mais) verdadeiramente alcançável,¹⁹ ambos têm uma compreensão equivocada do caráter fundamentalmente social e contingente do anonimato. Este, na verdade, é ao mesmo tempo alcançável e precário. Portanto, não estou particularmente interessado em adotar uma postura positivista ou racionalista sobre o anonimato “verdadeiro” existir ou não, nem estou particularmente interessado em

17 Brennan e Pettit (2008, p.189-91). Ver também Goffman (2004, p.59-64) sobre a divisão “entre os que conhecem e os que não conhecem” no que diz respeito à identidade pessoal. Cf. Karp (1973, p.432-3).

18 Ver Frois (2009a, p.9) sobre o caráter “relativo e circunstancial” do anonimato em programas de doze passos. Ver também Frois (2009b, p.88). Ver Nissenbaum (1998, 2004) sobre a noção de “integridade contextual”.

19 Ver, por exemplo, Tverdek (2008); Ohm (2010); Savage (2016).

assumir uma posição avaliativa sobre o caráter moral de atos anônimos (embora esses dois temas surjam ao longo do livro à medida que analiso diferentes casos). Em vez disso, meu foco principal está em questões sociais e culturais gerais no que concerne à maneira como os atores desempenham identidades ocultas em diversos contextos e relações – como eles dão vida ao anonimato e, assim, criam significado em seus tempos, lugares e situações enquanto ocultam identidades pessoais.

Por outro lado, estou igualmente interessado nas maneiras como os atores recorrem a códigos culturais duráveis e simbolismo, imagética e texto roteirizado historicamente relevantes – os ricos elementos da cultura e as estruturas arraigadas de comunicação simbólica – ao desempenharem o anonimato e o pseudonimato em seus diferentes contextos e situações. Quando bloqueiam os significantes da identidade pessoal, esses atores os substituem por significantes alternativos que usam para expressar significados culturalmente relevantes. Com essa perspectiva, enraizada no programa forte da sociologia cultural,²⁰ destrincho as camadas mais profundas de significado a que os atores dão vida, muitas vezes de maneiras criativas e às vezes inovadoras, ao usar o anonimato para atingir seus objetivos.

Além de considerar a dinâmica interativa e as lógicas culturais profundas do anonimato, estou interessado em como atos anônimos compartilham propriedades gerais em uma gama de casos e situações diferentes. Acrescentando uma estrutura formal e comparativa a este estudo, abordo o anonimato a partir da perspectiva da análise de padrões sociais.²¹ Analistas de padrões sociais buscam semelhanças gerais em contextos “culturais, situacionais e históricos”

20 Alexander e Smith (2003); Alexander (2004, 2017); Smith (2005); Alexander e Mast (2006). Ver também Loseke (2009, 2019).

21 Zerubavel (1980, 2007, 2021); Brekhus (2007); DeGloma e Papadantonakis (2020). Sobre “teoria formal multiárea”, ver também Glaser e Strauss ([1967] 2008, p.82-9). Ver também Prus (1987); Vaughan (1992); Marx (2016, p.143); Jutel (2019). Cf. Turner (2015, p.20-60) sobre “simbologia comparativa”, que envolve a análise de símbolos em diferentes “*gêneros culturais* ou *subsistemas* de cultura expressiva” (Turner, 2015, p.26, grifo do autor).

distintos para desenvolver uma teoria social amplamente relevante.²² Assim, analiso e comparo casos de tempos e lugares variados e em diversos níveis de análise – de interações interpessoais menores a sistemas sociais maiores – para revelar as características sociais padronizadas e mais difundidas do anonimato. Também exploro atos anônimos em diferentes esferas da vida social, incluindo as esferas religiosa, política, econômica, psicoterapêutica, teatral, artística, legal, erótica, acadêmica e comemorativa.²³ Abordo casos que concernem interações mediadas por computador e comportamento online e muitos que não dizem respeito a isso.²⁴ Em cada capítulo, concentro-me em um tema ou dimensão específica da atividade anônima e reúno diferentes casos para destacar o que todos eles mostram – separadamente e em conjunto – sobre a dimensão do anonimato em questão.²⁵ Por conseguinte, coloco em segundo plano detalhes que não são relevantes para a discussão atual, mas que podem ser relevantes em outros capítulos. Além disso, aprimoro minha discussão em cada capítulo desenvolvendo análises mais profundas de casos-chave. Para encontrar um equilíbrio entre a *profundidade* e a *amplitude* da minha análise, abordo tanto as texturas

22 Zerubavel (2007, p.131).

23 Cf. Weber ([1915] 1946) sobre “esferas de valor”.

24 Uma vez que as oportunidades de obscurecer nossa identidade pessoal se tornaram mais comuns na era digital e visto que o anonimato e o pseudonimato são muito fáceis de serem alcançados quando nos encontramos descorporificados em nossas interações online, uma grande quantidade de estudos recentes abordando o anonimato se concentrou em comunicações mediadas por computador e comportamentos em ambientes online. No entanto, as características gerais do anonimato não são particularmente exclusivas das interações mediadas por computador. Além disso, embora a tecnologia do computador e da internet possa fomentar o anonimato, ela certamente não o garante. Para várias discussões relacionadas ao anonimato mediado por computador, ver, por exemplo, Nicoll (2003); Christopherson (2007); Scott e Orlikowski (2014); Curlew (2019). Ver também Froomkin (1995, 2003); Nicoll, Prins e van Dellen (2003); Brazier et al. (2004); Levmore e Nussbaum (2010); Levmore (2010); Ohm (2010); Moore (2018); Linder e Xiao (2020).

25 Ver Zerubavel (2007, p.140) sobre “um estilo de investigação [...] orientado por tema [...]” (grifo do autor). Ver também DeGloma e Papadantonakis (2020) sobre análise temática.